

O suicídio como passagem ao ato em “A dócil”, de Dostoiévski

Camila de Sousa Ricarte¹

Resumo

Este artigo discute, a partir do trabalho com o texto literário, o suicídio como passagem ao ato. Para tanto, utilizamo-nos da narrativa fantástica presente em “A Dócil, de Fiódor Dostoiévski. É através do estilo de escrita disposto no livro que recorremos a ele enquanto recurso metodológico. Para nossa pesquisa, situamos o autor e as questões de sua época, em aproximação com o nosso tempo e com as questões prevalentes na literatura disponível acerca do suicídio, sobretudo pelo viés psicanalítico. O artigo traz ainda a discussão acerca dos aspectos sociais que colocam as mulheres em posição mais vulnerável à passagem ao ato. Propomos uma discussão acerca da contribuição oriunda dos estudos culturais ao debate nos meios psicanalíticos e acerca dos fatores sociais dispostos quando há uma passagem ao ato. Concluímos que em determinadas situações, quando o sujeito é deposto de laços protetores, a passagem ao ato pode surgir como um desaparecer de cena.

Palavras-chave: Suicídio, Passagem ao ato, A dócil, Dostoiévski.

¹ Psicanalista. Psicóloga, mestra e doutoranda em Psicologia – Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Universidade Federal do Ceará. Pesquisadora do Núcleo de Psicologia do Trabalho – NUTRA/UFC. Email: camila.ricarte5@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5817-8467>

Introdução

Este texto surge do enlaçamento de questões oriundas do trabalho clínico-psicanalítico e sustentadas pelo saber que pode advir do imbricamento entre a psicanálise e o saber literário, à medida que há na tradição analítica um percurso de contribuições colhidas no campo da literatura. Há aqui uma interrogação clínica quanto ao suicídio, surgida, mas talvez ilustrada, a partir de uma narrativa fictícia.

Com este estudo, possuímos a intenção de a partir de “A Dócil”, de Dostoiévski (1876/2018a), extrair alguns saberes acerca do irreparável da morte, sobretudo as que decorrem de um suicídio. A construção de diálogo que intencionamos, dá-se a partir de uma leitura psicanalítica quanto à decisão intencional pela morte de si. Temos, portanto, um estudo que testemunha acerca da possibilidade dos avanços clínicos advirem da contribuição dos estudos culturais, ilustrados aqui pela via literária e de questões sociais.

“Só existe um problema filosófico realmente sério: o suicídio” (Camus, 2023, p. 17) é com esse excerto que Camus inicia seu “raciocínio absurdo”. Para o autor, as questões humanas que surgem *a posteriori* dependem todas de responder à se vida vale a pena viver, interrogação à qual retornamos, por vezes, ao longo de nossa trajetória de vida. Deste modo, partindo de tão relevante questão para o campo filosófico, e que remontam à manutenção de nossa existência enquanto sujeitos, tomamos como início desta elaboração, as questões abertas no texto literário, acerca do suicídio de uma personagem fictícia. Elas são enunciadas por um outro personagem às voltas com a seriedade da incidência desse “absurdo”.

Faz-se, portanto, necessário situar o autor e a obra da qual partimos, pois a estrutura narrativa presente na novela do russo (Dostoiévski, 1876/2018a) coaduna com a multifatorialidade do tema abordado em nosso escrito, posto que na literatura científica, o suicídio é também uma questão em que estão em jogo a multiplicidade de saberes e fatores no campo discursivo (Cassorla, 2021). Na fina escuta que Dostoiévski traz acerca do tema, nos deparamos com um texto em que o suicídio é representado a partir das incidências do ato em seu entorno, mas também na tentativa de apreender quais foram as condições que permitiram à personagem chegar ao limite de sua condição como sujeito. Assim, a narrativa ocorre em retrospecto, é diante do cadáver da esposa suicida que o personagem ao qual escutamos persiste na busca por entendimento quanto ao ocorrido. É através dos embates de consciência deste personagem, que diante da morte, pergunta-se acerca dos sentidos para uma passagem ao ato que podemos fazer a extração de alguns apontamentos acerca do tema do suicídio, e o modo como o trabalho discursivo ali disposto pode contribuir para o saber no campo psicanalítico.

É com a fundação do estilo de escrita de Fiódor Dostoiévski (1821-1881) que podemos tomar sua obra em análise, enquanto testemunha de algo do inconsciente. De modo geral, enquanto estilo, o escritor russo inaugura uma nova perspectiva narrativa, na qual o narrador perde a onisciência de seus personagens, de modo que se abre um fosso entre a voz do primeiro e as vozes dos últimos. Para Bernardini (2008), o romance dostoiévskiano está numa posição singular de subversão do cânone, na medida em que ali surgiu a perda de objetividade de consciência dos personagens.

Para Bianchi (2008), em “A Dócil” (Dostoiévski, 1876/2018a), estamos diante de uma novela tardia no aspecto temporal de sua construção narrativa, portanto, enquanto tal, ela resguarda e consolida atributos estéticos conhecidos do autor, a exemplo do acesso ao pensamento dos personagens, mas também expõe as preocupações mais específicas de seu tempo. Trata-se do tempo em que estão situadas as “novelas de desespero”, realistas no mais alto patamar. Dostoiévski refinava sua escrita, mas também, a sua preocupação com os sintomas da época, falamos, pois do suicídio de mulheres. Através da personagem de “A Dócil”, ele desenvolve as críticas enunciadas a cada oportunidade quanto à “regra social russa” que submetia as mulheres aos seus maridos ou, por outro lado, quando não havia um casamento, às lançava ao desespero de uma vida “sem saída” (Bianchi, 2008).

Seguindo a tradição fundada por Sigmund Freud (1856-1939), ao situar os escritores como precedentes aos psicanalistas, escolhemos “A Dócil” (Dostoiévski, 1876/2018a) como texto em nossa análise pelos traços de escrita supracitados. Tal livro está marcado ainda pelo trabalho jornalístico do escritor, ele está situado pelo próprio autor como uma obra em “que não se trata nem de narrativa nem de memórias” (Dostoiévski, 1876/2011a, p. 13). A ideia parte do aumento do número de suicídios em São Petersburgo, sobretudo dentre as mulheres jovens. Dentre os quais, houve um que o impactou sobremaneira: uma jovem camponesa pulou do quarto andar de seu prédio. Ela estava abraçada à uma imagem religiosa e “a relação entre a suicida e o ícone obsedou Dostoiévski” (Nikitin, 2011, p. 8). Aqui, interessa-nos, pois escutar na narração o que é possível de apreender acerca dos fatores circunscritos numa passagem ao ato, descrita através da narração de um suicídio.

Percurso de pesquisa

O procedimento deste escrito parte da consideração freudiana acerca do que um caso clínico tem de universalizável para a teoria. No entanto, estamos diante do que é possível de apreender a partir do escrito literário, utilizado como recurso de trabalho com o inconsciente.

Temos alguns caminhos indicados por Freud (2006a) quando da tomada de textos literários por ele em suas construções teóricas, à exemplo de “Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen”, ali, o autor utiliza-se da criação ficcional para analisar os sonhos de um personagem. Há outros momentos em que Freud demonstra preocupação com as narrativas ficcionais, dentre elas há a publicação de um texto freudiano acerca dos escritos de Dostoiévski (Freud, 2006b), ocasião em que Freud aproxima elementos da vida do autor às invenções narrativas. O interesse pela narrativa literária é retomado também por Lacan (2003), em sua perspectiva inventiva enquanto letra poética. Fontenele (2010) aponta que da interseção entre literatura e psicanálise constitui-se a ficção teórica, fator preponderante à construção dos casos clínicos, bem como da metapsicologia. Eles seriam escritos como narrativa literária, transmitindo algo singular sem entrar em discordância com as necessidades de universalidade solicitadas pelo saber científico. Ao se utilizar da narrativa literária na transmissão de um caso clínico, Freud apresenta os fatos sintetizados, operando, então, a “re-construção a partir de fragmentos colhidos ao longo da travessia da pesquisa clínica” (Fontenele, 2010, p.10). Assim, forjamos o primeiro momento metodológico de nossa pesquisa extraída através da novela russa.

Colhemos da novela “A Dócil” (Dostoiévski, 1876/2018a) aspectos de seu período histórico e do estilo de escrita utilizado por Dostoiévski, escritor do realismo russo, que pudessem auxiliar-nos na trajetória supracitada. Pensamos tratar-se no texto da cuidadosa descrição do que pode desembocar numa passagem ao ato, para tanto, utilizamos como guia neste aspecto a letra de orientação lacaniana quanto ao que decorre em uma passagem ao ato (Lacan, 2005), tomando o suicídio enquanto paradigma do sujeito que “despenca para fora da cena”.

Nosso texto está dividido em um momento de descrição da novela, pontuando aspectos textuais de nosso interesse; sobretudo a respeito de aspectos estilísticos que permitem-nos fazer a aproximação entre Psicanálise e Literatura. No segundo tempo, apontamos para a construção teórica acerca do suicídio na literatura psicanalítica e trazemos ainda aspectos mais gerais de uma leitura recente com inferências sociais acerca do tema (Cassorla, 2021; Lacan, 2005, Mata et al., 2020; Miller, 2014; Morais & Lima, 2019).

O suicídio em a dócil, de Dostoiévski

O suicídio possui relevância ao longo da obra de Fiódor Dostoiévski. O tema esteve presente em alguns livros importantes para a construção de seu pensamento, tais como *Os demônios* (1872/2004) ou em *Os irmãos Karamázov* (1881/2012), e está em textos mais curtos, não menos relevantes, como “O sonho de um homem ridículo” (1876/2011b), lançado junto à edição de “A dócil” (1876/2018a), em *Duas narrativas fantásticas* (1876/2011a).

A repetição aparece como traço da escrita do autor russo, a recorrência do suicídio é um exemplo disso, outro apontamento de seu estilo é o constante retorno aos problemas filosóficos pertinentes ao tempo histórico. Deste modo, o tema da novela enquadra-se como uma questão do autor para com a sua época. Bianchi (2008) afirma que há um método na escrita de Dostoiévski para desvelar a relação do personagem com o mundo, posto que faz-se a todo momento a necessidade de definição do que ocorre no campo social para que as ações humanas estejam justificadas e assim haja acesso ao aspecto psicológico das personagens. Portanto, “nesse mundo criado por Dostoiévski nessa novela, a solidão a que as personagens estão submetidas é apresentada como uma categoria social, elas estão sós, como vimos, mas sós numa relação indissolúvel com os demais” (Bianchi, 2008, p. 339).

Em “A Dócil” (Dostoiévski, 1876/2018a) temos o suicídio representado como “total exasperação frente aos acontecimentos da vida” (Ternero, 2022, p. 12). O suicídio do qual Dostoiévski parte para a escrita de sua novela, figura também em “Dois suicídios” (1876/2018b), tamanho o impacto causado no autor. Nessa ocasião, ele surge como decorrente da impossibilidade de seguir com a vida, dada a dimensão dos percalços encontrados na materialidade da existência, deste modo, “uma jovem pobre, costureira, jogou-se da janela do quarto andar, ‘pois não conseguiu de jeito nenhum encontrar um trabalho para o seu sustento’” (Dostoiévski, 1876/2018a, p. 355). Fato que desde então passou a atormentá-lo, como se fosse ele “o culpado”.

Dostoiévski (1876/2018a) nomeia “fantástica” a narrativa que descreve, pela impossibilidade de estenografar os últimos passos de um ser que está prestes a morrer.

Estamos, de partida, diante de um marido que relata um caso de suicídio e intenciona ao mesmo tempo compreender o que ocorreu, “já faz seis horas que estou tentando esclarecer e não há meio de eu concentrar os pensamentos num ponto” (Dostoiévski, 1876/2018a, p. 362). O tema é-nos apresentado através de um enigma, e escutamos sobre isso por meio da perspectiva de um outro, algo relevante de ser pontuado, uma vez que a personagem Dócil é silenciada a cada oportunidade ao longo da narrativa, como nos adverte Fátima Bianchi (2008), “ele não fala com ela, ele fala dela” (p. 331).

Os extratos do que sabemos sobre ela, escutamos através de outros personagens “ela era terrivelmente jovem”, “ela era tão franzina, loirinha”, “sempre desajeitada, como se ficasse perturbada” e “ela é orgulhosa”. Bem, sabemos ainda tratar-se de uma órfã, que mora com as tias, e todos os dias vai ao escritório de um agiota para penhorar objetos que possuem pouco valor financeiro. Dessa forma, os dois, o marido narrador e a Dócil travam conhecimento um do outro. Os objetos eram vendidos para sustentar os anúncios no jornal “A Voz”, nome interessante já que, como antecipamos, estamos diante de alguém que pouco enuncia a própria voz ao longo da narrativa. Com as notas no jornal, ela intencionava encontrar trabalho como tutora de alguma criança rica, de modo a fugir de um casamento arranjado pelas tias. “Assim que recebia o dinheiro, no mesmo instante dava meia volta e ia embora. E o tempo todo calada” (Dostoiévski, 1876/2018a, p. 363), referência que para o usuário, a distingue de outros clientes que sempre demandavam um pouco mais de dinheiro pelo objeto penhorado.

A narrativa é contada como se fosse exposta em um tribunal: “. . . eis como isso aconteceu. Vou simplesmente contar na ordem. (Ordem!). Senhores, estou longe de ser um literato, e os senhores podem ver isso, mas não importa, vou contar assim como eu mesmo entendo” (Dostoiévski, 1876/2018a, p. 362). Mais uma vez, temos a sobreposição do estilo do escritor ao que possui relevância à nossa leitura feita de seu texto isoladamente, posto ser comum à Dostoiévski desculpar-se pelo modo como dispõe a narrativa ao leitor, ele faz isso em *Os irmãos Karamázov* (1880/2012), por exemplo. No entanto, no texto trabalhado aqui, a desculpa aparece como recurso do narrador em manter-se ligado ao ocorrido, ora pela via do entendimento, ora para desonerar-se da culpa, “aí é que está, ela não deixou nenhum bilhete em que dissesse *não culpem ninguém da minha morte*, como todo mundo faz” (Dostoiévski, 1876/2018a, p. 398).

A tragédia construída pelo narrador depõe o tempo todo para o desenrolar e chegar ao que nos deparamos, um sistema construído para dar em morte. Segundo Bianchi (2008), os recursos utilizados pelo personagem operam para o convencimento do leitor de que o sistema era necessário. Visto o que mencionamos anteriormente, trata-se de uma obra em que os elementos da realidade são explorados de maneira fantástica, no sentido que diante da investigação jornalística, o devaneio constrói uma narrativa sobre o suicídio tendo a ver com o amor. De maneira mais abrangente, o amor quando surge nas narrativas do russo, está disposto sem espaço para a subjugação do outro, é necessário que o objeto de amor não seja tomado enquanto coisa. Portanto, “quando não se enxerga verdadeiramente o próximo ou quando ele é idealizado, explorado ou tiranizado, consequências trágicas como a morte, a autoaniquilação e o ódio, são encarados” (Ternero, 2022, p.14).

Ora, “a dócil é um fantasma e apenas ecos de sua existência chegam ao leitor” (Ternero, 2022, p.66), de modo que sabemos, pelo estilo do autor e pela estrutura desta narrativa, que a morte se apresenta desde o início, mas é ainda anterior. Cabe, portanto, mencionar que a novela tem início como se estivesse escrita *a priori*, pois o marido começa reticente “... É que enquanto ela está aqui – ainda está tudo bem: venho e olho a cada instante; mas amanhã a levarão embora – e como hei então de ficar sozinho?” (Dostoiévski, 1876/2018a, p. 362). Mas como estaria tudo bem, se diante da esposa morta? Bastaria um corpo sem vida? Podemos interrogar, mas lembremos que temos uma narrativa ficcional e lidamos com um texto já finalizado. Respondemos, então, pela via do que está-nos testemunhado, ela era um fantasma e desde o início. Só temos acesso à ela através de seu marido e esse era “severo, severo” (Dostoiévski, 1876/2018a, p. 363) e um tanto calado, de modo a se definir “sou mestre na arte de falar em silêncio, passei minha vida toda conversando em silêncio e em silêncio acabei vivendo comigo mesmo tragédias inteiras” (Dostoiévski, 1876/2018a, p. 372).

Ao momento em que este marido a distingue dentre os seus clientes da casa de penhores, ele organiza meios de saber mais sobre a sua história e sem consultá-la, descobre os pormenores a respeito de sua vida. Estava prestes a casar com um velho comerciante, viúvo e pai de algumas crianças. Por isso os objetos penhorados e o desespero nos anúncios. Ele forja um sistema para que a tomasse como esposa. Pois ele pensava que “surgia como que de um mundo superior” (Dostoiévski, 1876/2018a, p. 367) para resgatá-la, visto que tomava o outro pretendente como mais “abjeto” que a si, assim apareceria para ela como um *libertador*. No entanto, diante do tempo que a Dócil demora para decidir quanto ao seu pedido, é tomado por uma dúvida que sustenta dali até o final da narrativa. Ela *não poderia* demorar a dar resposta afirmativa e ele estabelece a lógica de que: dado espaço entre o pedido e o sim, diante da escolha entre ele e o comerciante, ele fosse o pior. Uma vez que “nem isso você compreende: a resposta está em cima da mesa e você vem falar em *questão*” (Dostoiévski, 1876/2018a, p. 370). Portanto, ainda que a todo momento as conclusões sejam “estou pouco ligando! Não se trata de mim absolutamente” (Dostoiévski, 1876/2018a, p. 370), a narrativa constrói-se de modo a encontrar um culpado, lembremos que se inicia como um texto a ser julgado.

Pois bem, a condução do casamento era: a severidade e, depois, o silêncio. “Eu disse que a havia introduzido em minha casa com severidade, entretanto já desde o primeiro passo amoleci” (Dostoiévski, 1876/2018a, p. 373), na construção que faz, o personagem pensa ser possível alcançar uma felicidade advinda de um amor *real*, no entanto, estamos avisados que subjugar o objeto a que se ama, dá em desastre, portanto, ao passo que rodeia em torno do mesmo ponto, a verdade é o que está sobre a mesa, “jaz lá na sala” (p.375). Admite, por conseguinte, ter havido algum erro, algo que não saiu como devia.

Mas nisso devo ter me esquecido de alguma coisa, ou perdido de vista alguma coisa. Algo que eu não soube fazer. Mas basta, basta. E para quem agora hei de pedir perdão? Está acabado, está acabado e pronto. Coragem, homem, seja orgulhoso! Não é você o culpado!... Pois bem, eu direi a verdade, não tenho medo de me ver cara a cara com a verdade: *ela* é a culpada, a culpada é *ela* (Dostoiévski, 1876/2018a, p. 376).

A impossibilidade de colar o outro à sua imagem, fazendo de tal forma um elemento importante, é disso que a Dócil escapa. Mais uma vez o elemento central do modo de escrita

dostoievskiano prevalece, o que o difere de outros escritores em seu tempo, ao construir seus personagens, o autor “não sabe”, o outro tampouco. Portanto, ainda que tenhamos acesso à Dócil através do personagem do Agiota, indicando-nos a relação fantasmática deste último, “a última palavra sobre cada personagem cabe a ela própria proferir” (Bianchi, 2008, p. 331). À Dócil cabe o insustentável de sua condição de sujeito, ali não era possível ser. Para o narrador, temos a temporalidade do *a posteriori*, só depois que o sistema comprovasse a *felicidade sólida* (p.374), seriam felizes em novo lugar. Partiriam os dois para uma *outra cena* para a qual chegara atrasado com as passagens. “Atrasei-me não mais que cinco minutos” (Dostoiévski, 1876/2018a, p.397) é como está nomeada a última parte da novela. Ele termina: “quando levarem embora amanhã, o que vai ser de mim?” (Dostoiévski, 1876/2018a, p.400).

O suicídio como passagem ao ato

Ao lermos o suicídio que aparece descrito na novela “A Dócil” como uma passagem ao ato, fazemos de modo a bordar os traços colhidos através das palavras de um personagem aos conceitos psicanalíticos. Para tanto, temos alguns indícios na crítica literária que coadunam com aquilo disposto na literatura psicanalítica acerca das imbricações entre os dois saberes, a literatura e a psicanálise. Para tanto, o modo de dispor os pensamentos de seus personagens, auxilia-nos quanto ao acesso aos dilemas humanos acerca da lida com a realidade; trata-se da criação de um estilo em que compromete-se com a autonomia os personagens que descreve e com os estudos acerca das possíveis causas para os conflitos dos sujeitos. Assim, a narrativa permite que “seu estado de fragmentação interior venha à tona de forma viva e determinante, revelando toda a discrepância que há entre seus pensamentos e sentimentos e sua forma de agir, entre o que ele pensa de si e o que realmente é” (Bianchi, 2008, p.331-332).

Pois bem, Dostoiévski apresenta-nos a divisão de seus personagens entre aquilo que era característico da época, a saber subjugar as mulheres e o modo como, de forma individual, se forja um escape à isso. Ora, Lacan (2005) define a passagem ao ato como um despencar da cena que está delineada pelo Outro, ao sujeito que encontra-se diante de um impasse e extremamente identificado com o lugar de objeto, enquanto resto, restaria responder através de um impulso que coloca o corpo a um “lançar-se para fora da cena”. A Dócil despenca, ela retira-se da questão que advém dos outros, havia um “sistema” desenhado pelo marido, mas também pela época, e é através desta queda que sustenta sua posição enquanto sujeito. Segundo Lins e Rudge (2012), a passagem ao ato opera como recurso a que o sujeito lança mão para escapar da angústia de ser posto na posição de objeto, assim temos “um corte em relação ao campo do Outro, que é o que determina o sujeito enquanto tal” (p.21).

Quando o suicídio aparece “sem aviso”, trata-se de representar em ato aquilo ao que o outro não teve acesso. Para Bianchi (2008), a descrição da personagem Dócil é a única positiva na novela “ela é mostrada com um perfil humanitário, incorruptível, muito bem delineado, como alguém que sabe o que quer e luta por objetivos, até se sentir completamente esgotada” (Bianchi, 2008, p. 332). Pois bem, para o Agiota, foi “sem aviso”, diante do ato testemunhado na novela: há um marido que chegou atrasado perante a precipitação inevitável da esposa; assim marcamos o passo de a Dócil ante ao tempo da passagem ao ato inscrito

pela urgência (Miller, 2014). Esgotou-se, evadiu-se. A passagem ao ato é, pois, compreendida como “uma modalidade de resposta do sujeito que não passe pela cifração do sintoma” (Calazans & Bastos, 2010, p. 246), supomos, portanto, que a *docilidade* do ato à medida que chega sem aviso àqueles que a rodeiam, sem notas escritas e sem falha pode ser interpretada deste modo. Enquanto leitores, e a partir dos rodeios do Agiota, sabemos que as condições de vida da Dócil foram sempre escassas e permeadas pela dificuldade, ela estava sozinha e sem recursos. Ao tentar juntar, dos poucos momentos vividos ao lado da esposa, o que poderia ser tomado como responsável pelo suicídio dela, ele produz elementos que aqui nos auxiliam, e que o faz perder-se em seu discurso. Lacan (2005) deixa-nos avisados de que no trabalho com a palavra estamos no âmbito da possibilidade de tapeação. Uma vez que “compreender é sempre avançar capengando para o mal-entendido” (p.90), coisa que podemos confirmar também por ocasião de nossa leitura dessa novela.

Há na literatura referente ao tema do suicídio alguns indícios estatísticos que permitem-nos fazer inferências quanto à relevância do tema à nossa época. O Brasil está entre os 10 primeiros países com mais registros de suicídios no mundo, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), e quando passamos aos números de tentativas de suicídio, os casos podem ser 10 à 20 vezes maiores (Mata et al, 2020). Em recente estudo Alves et al. (2024), inferem que no período entre 2011 e 2022 houve um acréscimo de 43% aos dados sobre suicídio ocorridos no Brasil, aumento significativo quando comparado a outros países. As populações minoritárias, como mulheres e povos originários, estão mais vulneráveis no quesito cuidado hospitalar em caso de tentativas de suicídio, o estudo faz ainda uma projeção de que para cada suicídio completo, haja um número aproximado de 20 tentativas. E nos dois grupos, houve acréscimo nos dados referentes à auto-mutilação e tentativa de suicídio. Como produto da pesquisa, faz-se uma referência à proteção socioeconômica como fator relevante na redução dos números de suicídio, o que coloca o Brasil em posição delicada nos rankings (Alves et al., 2024).

Os estudiosos do tema fazem referência a uma dificuldade no reconhecimento de algumas causas para a morte de si, “nos números não estão incluídos os acidentes, as intoxicações aparentemente acidentais e outras manifestações autodestrutivas não intencionais” (Cassorla, 2021, p. 29). Quando analisamos esses dados em nosso país, e interseccionamos aos últimos anos de incertezas e crise social, numa dedução mais descuidada, poderíamos até estabelecer um paralelo com a preocupação de Dostoiévski, em sua época, a respeito das crises sociais enfrentadas pelos jovens de seu país à época dos textos em que o suicídio era um tema recorrente na obra do autor, sobretudo quanto às questões que assolavam as mulheres àquela época. Os números são fatores que indicam a relevância da temática, mas faz-se necessário ressaltar a importância de abordar os casos um a um; mesmo que hajam os autores mais categóricos, a exemplo de Morais e Lima (2019) que apontam para o suicídio como um modo de comunicação, uma via comunicativa pelo ato, algo que não é possível de passar pela palavra. Pois bem, como supracitado, a palavra falha, e o suicídio é um ato sem falha (Guimarães, 2009).

Meneghel et al. (2013) afirmam haver componentes na socialização de mulheres que contribuem para a vulnerabilidade exacerbada delas ao suicídio, sobretudo quando estão submetidas à autoridade de maridos ou familiares. Então, em seus rodeios, o marido estabeleceu elementos para inferir que o seu sistema de severidade pudesse ter algo a ver

com o ocorrido. Coube, no entanto, ao personagem Dócil retomar para si a condição de sujeito. Desse lugar, é ela quem decide sobre si e não endereça ao outro a culpa pelo ocorrido, posto que “a passagem ao ato não pede nada. Não se mostra” (Ribeiro & Guerra, 2020, p. 6). Ainda que por cinco minutos, para retomar o tempo suposto no texto, o sujeito retoma seu lugar e há ato. Há decisão. Lacan (2005) pontua que a passagem ao ato é o momento de desconcerto do sujeito. Há um limite em que, na história de todos, a própria sustentação enquanto sujeito é posta à prova, e para alguns, o sujeito “despenca para fora da cena” (p. 129). A pergunta que trouxemos no início, quanto à vida depender de sustentar a resposta ao absurdo perpassa toda a novela, e reposiciona nossos personagens a cada oportunidade. Colocada a temporalidade em que o escrito se apresenta; sabemos, de início, que a resposta está dada, mas somos interpelados pelas mesmas perguntas a todo momento, repetindo e elaborando junto ao Agiota. São 5 minutos, no relógio suposto pelo marido, em 5 minutos a Dócil aparece, sempre através das precipitações, sejam elas os *arroubos de amor*, de ódio e raiva, como ao apontar o revólver para o marido, ou o pular pela janela. São as formas que conseguimos escutá-la como personagem sem o véu interposto pela fantasia do Agiota, mas a escuta é, portanto, de quem está por um fio. Ao outro, isso aparece como que “de repente”.

Ao retomar o postulado lacaniano de que o suicídio é o paradigma do ato, Miller (2014) pontua “que há algo no sujeito suscetível de não trabalhar por se bem; suscetível de não trabalhar pelo útil, mas que, pelo contrário, trabalha para a destruição” (p. 5), operação estabelecida pela prevalência da pulsão de morte que conduz o sujeito a dar cabo de si. Deste modo, a despeito das ideias suicidas para as quais há um trabalho possível de manejar clinicamente a ponto de evitar o ato (Ribeiro & Guerra, 2020), há para outros, como o testemunhado na novela, a impossibilidade de salvar a Dócil da “sujeira”, como o marido supunha tê-lo feito (Dostoiévski, 1876/2018a). O que indicamos ainda é a existência de um fosso entre a Dócil e o marido, o que talvez só tenha sido possível de aparecer mediante alguns procedimentos, tais como o silêncio, as evitações do outro e, por fim, com o suicídio. O modo como a história se constrói, pela via do marido, que intenciona fazer unidade, torna impossível desfecho diferente.

Para Bianchi (2008), tornar a Dócil inacessível é o modo com o qual o autor destrói as bases do discurso que intenciona objetificar a esposa pelo marido. Confirmando, portanto, a impossibilidade de acesso ao que há de mais íntimo no outro. Ora, pois, mencionamos que “A Dócil” é uma novela de Amor, e fomos colocados diante daquilo que foi possível de apreender através das vias discursivas desse desencontro e do trágico da experiência criada por Dostoiévski, que de maneira atemporal, ensina-nos acerca da passagem ao ato como modo de salvaguardar-se diante da tentativa da invasão de um outro.

No suicídio disposto como está no livro, não há possibilidade comunicativa *a posteriori*, “ela não deixou bilhete”. Inseriu corte bruto em toda a montagem com a qual o marido sonhou. Houve recusa, e como havia também o silenciamento, a saída foi incisiva. Tudo ela rejeitou: a *felicidade sólida*, a viagem e o *só depois* uma nova vida, os *cinco minutos* a mais... As questões que não pôde inserir durante sua vida, para assim operar alguns deslocamentos, a Dócil postula quando morta, posto que, na passagem ao ato não há Outro que assista ao sujeito desvanecer, “é ele, morto, quem olha os outros e lhes dirige sua questão, e lhes faz sentir o porquê de seu olhar” (Miller, 2014, p. 7). De modo elegante, Dostoiévski (1876/2018a) ao construir um

relato fictício, por meio do qual seja possível explicar um suicídio, consegue formular elementos que contruibam para o pensamento clínico sobre a passagem ao ato; uma vez que sua Dócil, retirando-se da cena e através do seu olhar, impõe questões ao narrador. Reafirmando que a literatura ocupa valioso estatuto para os analistas, tal como apontado nos primórdios das formulações freudianas “os escritores criativos são aliados muito valiosos, cujo testemunho deve ser levado em alta conta, pois costumam conhecer toda uma vasta gama de coisas entre o céu e a terra com as quais a nossa filosofia ainda não nos deixou sonhar” (Freud, 2006a, p. 20).

Por fim, com o seu ato, a Dócil põe-se indiferente ao depois. E ainda que o marido desejasse permanecer ligado a ela e insistir no seu sistema, não foi possível. Os cinco minutos marcaram a cisão inquestionável que uma passagem ao ato opera, entre um antes e um depois. Um tempo para o qual não há retorno.

Considerações finais

Apresentamos neste escrito algumas operações de contribuição da literatura à clínica psicanalítica, de modo a tomarmos o texto narrativo como uma chave de compreensão de alguns termos clínicos. Elegemos a novela “A Dócil” (Dostoiévski, 1876/2018a) como testemunho de uma construção acerca do suicídio, aqui tomado enquanto passagem ao ato.

Essa compreensão é possível, do ponto de vista literário, de modo longitudinal na obra do russo, a partir da novidade inserida no cânone literário por Dostoiévski (1821-1881), a saber a cisão entre a onisciência do narrador e a consciência de seus personagens, fenômeno que dentre os outros escritores de sua época era percebido como uma desarticulação na linguagem ou mesmo como um “tartamudear” de difícil compreensão (Bernardini, 2008). Em “A Dócil” (Dostoiévski, 1876/2018a), isso surge através das voltas dadas pelo personagem, em seus pensamentos, e que assim contribuiu para a construção de nosso texto, posto que nos coloca diante de um retorno incessante aos pontos-chave para construirmos as nossas questões aqui trazidas.

Tal cisão, operada por Dostoiévski, demonstra um empenho em testemunhar o que parece de fundamental na compreensão de conflitos que surgem como inapreensíveis aos leitores de sua época. O autor demonstra uma fineza distinta ao apreender a impossibilidade de dar conta do outro, sem deixar de operar, no entanto, com a tentativa de, pela via discursiva, dar conta de algo, através da repetição, seja dos termos, seja da demarcação temporal, ainda que reconhecendo, *a priori* que algo escapou-lhe. Temos um personagem que diante do absurdo da morte, sobretudo a que decorre do suicídio, entrega-nos conflitos que poderiam advir de um sujeito no divã.

Elencamos, como supracitado, alguns aspectos referentes à escrita da novela para que fosse possível a nossa leitura sem que nos perdêssemos da letra de Dostoiévski. Localizamos o tema no interesse do autor, em sua recorrência, bem como a relação da obra escolhida com a realidade jornalística. Assim a descrição fantasmática contando sobre a suposição do que poderia levar a um suicídio, foi-nos o caminho a percorrer em nosso texto. Temos, portanto, de partida a concepção do escritor russo de que o enlace amoroso quando ocorre em determinado formato, sem aniquilação do outro, é um fator protetivo. Pois bem, há uma recorrência na literatura teórica de algumas apostas nesse sentido em casos de tentativa de

suicídio, no entanto, nos deparamos na narrativa que elegemos com uma “criatura dócil”, que está imersa numa escassez de recursos em sua realidade financeira e simbólica, e a cada vez que intenciona “se rebelar”, é novamente silenciada. Há indícios em estudos acerca do suicídio que permitem-nos indicar alguns fatores como relevantes na multifatorialidade do tema, dentre tais, alguns surgem como proteção social, a saber melhores condições socioeconômicas e apoio em seu entorno, disso podem decorrer mudanças nos dados estatísticos.

Como estamos diante de um texto finalizado, no qual a personagem se suicida e deixa-nos poucos rastros para entender o que aconteceu antes, lidamos com os discursos decorrentes da fantasia criada pelo autor, e testemunhada através de outro personagem, frente ao enigma da morte, sobretudo o de uma morte de si. Assim, pudemos localizar o que numa passagem ao ato, como decisão do sujeito de sair da cena montada por um Outro, advém como questões *a posteriori*. Questões essas com as quais o sujeito pouco se importa, elas ficam em suspenso, sem resposta. Temos as faltas de recurso, de palavra, de espaço para produção de um contexto mais favorável como indícios que auxiliaram-nos na construção de nosso texto. A precipitação da Dócil, abraçada ao ícone, nos desenha o que para sair “do sistema” constrói um traçado possível de compreendermos, a partir da leitura psicanalítica, como passagem ao ato.

Por fim, pudemos confirmar o estatuto da literatura como um saber possível de contribuir com o trabalho clínico psicanalítico, a medida que encontramos ressonâncias no trabalho de Freud com os escritores, e da obra que escolhemos com os elementos que depõem sobre a teorização acerca de uma passagem ao ato. As nossas linhas fazem parte de um estudo inicial, em que propomos contribuir para o debate atual acerca do suicídio por parte da comunidade de psicanalistas.

Referências

- Alves, F., Fialho, E., Araújo, J., Naslund, J. A., Barreto, M. L., Patel, V., & Machado, D. B. (2024). The rising trends of self-harm in Brazil: an ecological analysis of notifications, hospitalizations and mortality between 2011 and 2022. *The Lancet Regional Health Americas*. Recuperado em 24/08/2026 em: <[https://www.thelancet.com/journals/lanam/article/PIIS2667-193X\(24\)00018-8/fulltextn](https://www.thelancet.com/journals/lanam/article/PIIS2667-193X(24)00018-8/fulltextn)>.
- Bernardini, A. F. (2008). Dostoiévski: criação, poesia e crítica. *Caderno de Literatura e Cultura Russa*, 2, 301-324.
- Bianchi, F. (2008). O tema da submissão feminina na novela Uma criatura Dócil. *Caderno de Literatura e Cultura Russa*, 2, 325-341.
- Calazans, R., & Bastos, A. (2010). Passagem ao ato e acting out: duas respostas subjetivas. *Fractal: Revista de Psicologia*, 22(2), 245-256.
- Camus, A. (2023). *O mito de Sísifo*. Rio de Janeiro: Record. (Obra original publicada em 1941).
- Cassorla, R. (2021). *Estudos sobre suicídio: psicanálise e saúde mental*. São Paulo: Blucher.
- Dostoiévski, F. (2004). *Os demônios*. São Paulo: Editora 34. (Obra original publicada em 1872).
- Dostoiévski, F. (2012). *Os irmãos Karamázov*. São Paulo: Editora 34. (Obra original publicada em 1880).

- Dostoiévski, F. (2011a). *Duas narrativas fantásticas: A dócil e O sonho do homem ridículo*. São Paulo: Editora 34. (Obra original publicada em 1876).
- Dostoiévski, F. (2011b). O sonho do homem ridículo. In Dostoiévski, F., *Duas narrativas fantásticas: A dócil e O sonho do homem ridículo*. São Paulo: Editora 34. (Obra original publicada em 1876).
- Dostoiévski, F. (2018a). A dócil. In Dostoiévski, F., *Contos reunidos*. São Paulo: Editora 34. (Obra original publicada em 1876).
- Dostoiévski, F. (2018b). Dois suicídios. In Dostoiévski, F., *Contos reunidos*. São Paulo: Editora 34. (Obra original publicada em 1876).
- Fontenele, L. (2010). Serve à literatura à transmissão da psicanálise?. In Scotti, S. et al. (Org.). *Escrita e psicanálise II*. Curitiba: Editora CRV.
- Freud, S. (2006a). Delírios e sonhos na *Gradiva* de Jensen. In Freud, S., *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 11). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (2006b). Dostoiévski e o parricídio. In Freud, S., *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 21). Rio de Janeiro: Imago.
- Guimarães, M. (2009). O estatuto renovado da passagem ao ato. *Revista Ágora*, 12(2), 291-306. Recuperado em 24/08/2026 em: <<https://www.scielo.br/j/agora/a/cq8GLgmmyNb8ZVvkZwPg3Nn/?lang=pt>>.
- Lacan, J. (2003). *Lituraterra*. In Lacan, J., *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (2005). *O seminário, livro 10: A angústia* (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar.
- Lins, T., & Rudge, A. (2012). Ingresso do conceito de passagem ao ato na teoria psicanalítica. *Trivium*, 4(2), 12-23. Recuperado em 24/08/2026 em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-48912012000200003&lng=pt&nrm=iso>.
- Mata, R., Daltro, R., & Pondé, P. (2020). Perfil epidemiológico de mortalidade por suicídio no Brasil entre 2006 e 2015. *Revista Psicologia, Diversidade e Saúde*, 9(1), 74-87. Recuperado em 24/08/2026 em: <<https://www5.bahiana.edu.br/index.php/psicologia/article/view/2842>>.
- Meneghel, S., Hesler, L., Ceccon, R., Trindade, A., & Pereira, S. (2013). Suicídio de mulheres: uma situação limite? *Athenea Digital: Revista de Pensamiento e Investigación Social*, 13(2), 207-217.
- Miller, J. (2014). Jacques Lacan: observações sobre o seu conceito de passagem ao ato. *Opção Lacaniana*, 5(13). Recuperado em 24/08/2026 em: <http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_13/Passagem_ao_ato.pdf>.
- Morais, A., & Lima, B. (2019). Suicídio na adolescência: um des-compasso na vida. *Cadernos de Psicologia*, 1(1), 238-263. Recuperado em 24/08/2026 em: <<https://seer.uniacademia.edu.br/index.php/cadernospsicologia/article/view/1986>>.
- Nikitin, V. (2011). Notas do subtexto. In Dostoiévski, F., *Duas narrativas fantásticas: A dócil e O sonho do homem ridículo*. Rio de Janeiro: Editora 34.
- Ribeiro, C. N., & Guerra, A. (2020). Adolescência, atos e o risco de suicídio. *Psicologia USP*, 31.
- Ternerio, N. (2022). *Almas marginais: exclusão e redenção em Diário de um escritor de Dostoiévski*. Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.

The suicide as a passage to the act in “The gentle creature”, by Dostoyevsky

Abstract

This article discusses suicide as an passage to the act through the literary work, using the fantastic literature present in “The Gentle Creature” by Fyodor Dostoyevsky. We use the writing style found in the book as a methodological resource. In our research, we contextualize the author and the issues of his time, drawing parallels to our own era and the prevalent issues in literature regarding suicide, particularly from a psychoanalytic perspective. The article also explores the social aspects that put women in a more vulnerable position toward a passage to the act. We propose a discussion on how cultural studies contribute to debates within psychoanalytic circles about the social factors influencing suicidal behavior. We conclude that in certain situations, when the subject is deprived of protective bonds, the passage to the act can arise as a disappearing from the scene.

Keywords: Suicide, Passage to the act, The Gentle creature. Dostoyevsky.

El suicidio como acto consumado en ‘La Mansa’, de Dostoiévski

Resumen

Este artículo discute, a partir del trabajo con el texto literario, el suicidio como acto consumado. Para ello, nos basamos en la narrativa fantástica presente en ‘La mansa’, de Fiódor Dostoiévski. Es a través del estilo de escritura presente en el libro que lo consideramos como recurso metodológico. En nuestra investigación, situamos al autor y las cuestiones de su época en relación con nuestro tiempo y las cuestiones predominantes en la literatura disponible sobre el suicidio, especialmente desde una perspectiva psicoanalítica. El artículo también aborda la discusión sobre los aspectos sociales que colocan a las mujeres en una posición más vulnerable al acto consumado. Proponemos una discusión sobre la contribución de los estudios culturales al debate en los medios psicoanalíticos y sobre los factores sociales presentes cuando se produce el acto consumado. Concluimos que en ciertas situaciones, cuando el sujeto es despojado de lazos protectores, el actuar puede surgir como un desaparecer de escena.

Palabras clave: Suicidio, Paso al acto, La mansa, Dostoiévski.

Le suicide comme passage à l'acte dans "La douce", de Dostoievski

Résumé

Cet article examine, à partir du travail avec le texte littéraire, le suicide comme passage à l'acte. Pour ce faire, nous nous appuyons sur le récit fantastique présent dans "La Douce" de Fiodor Dostoïevski. C'est à travers le style d'écriture présent dans le livre que nous le considérons comme ressource méthodologique. Pour notre recherche, nous situons l'auteur et les questions de son époque en rapprochement avec notre temps et les questions prévalentes dans la littérature disponible sur le suicide, surtout du point de vue psychanalytique. L'article aborde également la discussion sur les aspects sociaux qui placent les femmes dans une position plus vulnérable au passage à l'acte. Nous proposons une discussion sur la contribution des études culturelles au débat au sein des milieux psychanalytiques et sur les facteurs sociaux en jeu lorsqu'il y a passage à l'acte. Nous concluons que dans certaines situations, lorsque le sujet est privé de liens protecteurs, le passage à l'acte peut survenir comme une disparition de la scène.

Mots-clés: Suicide, Passage à l'acte, La douce, Dostoïevski.

Submetido em: 11/07/2024

Revisado em: 04/02/2026

Aceito em: 24/02/2026